

Blocos governiſtã

nã devereã disputar Mesas da Cãmara e do Senado

26 DEZ 1990

Os principais líderes partidários que deixaram Brasília na expectativa de convocação extraordinária do Congresso na segunda quinzena de janeiro não acreditam mais na possibilidade de que os blocos governistas disputem as eleições das mesas difetoras do Senado e da Cãmara. No Senado, o bloco foi formalizado, mas tudo indica que na Cãmara está sepultada a idéia de um bloco situacionista disputar a presidência da Mesa. O cargo devereã ser mesmo do PMDB, que tem a bancada maioritária.

No Senado, na opinião de peemedebistas moderados, a liderança do governo cometeu um "grande erro" ao formalizar o bloco parlamentar de apoio ao governo Collor. "Com a oficialização "do bloco chapa branca eu mesmo ficarei de fora", comentou um deles.

Na Cãmara, os deputados governistas poderã organizar o bloco parlamentar, formal ou informalmente. O vice-líder do PFL, deputado Luiz Eduardo Magalhães (BA) acredita que o governo Collor só terá maioria na Cãmara se conseguir pelo menos a adesão de 25 a 30 deputados do PMDB. Esta adesão será inviável se o bloco palaciano for formalizado perante a mesa diretora, como aconteceu no Senado.

Apoio discreto

Informalmente, o grupo situacionista do Senado tem contato sempre com o apoio "discreto" de senadores do PMDB nas votações secretas, entre os quais João Calmon (ES), Aloísio Bezerra (AC) e de outros que continuam sem partido, entre os quais Alfredo Campos (MG), Aureo Mello (AC), Carlos Patrocínio (TO) e Francisco Rollemberg (SE). Pela decisão da Comissão de Justiça, senador sem partido não pode integrar

bloco parlamentar formalizado.

Além dos senadores com mais quatro anos de mandato e que apoiam o governo Collor, os líderes moderados garantem que entre os senadores eleitos pelo PMDB alguns não terão atuação opositora, como Onofre Quinam (GO), Flaviano Mello (AC), Coutinho Jorge (PA) e Garibaldi Alves Filho (RS).

"Eu sou amigo do Presidente, mas não posso entrar em bloco governista e muito menos deixar do PMDB", diz o moderado João Calmon, com mais quatro anos de mandato. Mais afoito, o senador Aureo Mello, de notória atuação governista, achou melhor deixar o PMDB e assinou ficha no bloco palaciano. Em janeiro terá de sair do bloco ou escolher alguma legenda para se inscrever e permanecer.

Na frieza dos números, os senadores governistas em fevereiro somarão 36 cadeiras e os opositores serão 41. O Palácio do Planalto já conquistou um senador que estava sem partido, Saldanha Derzi (MS), recém filiado ao PRN. O senador Meira Filho (DF) trocou o PMDB pelo PFL, legalizando uma situação de fato, já que sempre votava com o governo Collor. Restam ainda quatro senadores sem legenda e que poderã apoiar o Planalto, somando 40 votos — um a menos do que a bancada opositora. No PMDB, o governo terá alguns votos, mais difíceis de ora em diante pela oficialização do bloco governista.

O equilíbrio na Cãmara é praticamente idêntico ao do Senado: 247 deputados de oposição contra 236 deputados governistas. Sobram 16 votos do PL, ainda indefinido, e outros quatro do PRS do governador eleito de Minas, Helio Garcia. O partido mineiro está sendo assediado pelo PTB governista e pelo PMDB.

Flamarion Mossri